

The background is an abstract, textured composition of colors. It features a mix of soft pinks, purples, and blues, with some darker, more saturated reds and purples. The texture is reminiscent of marbled paper or a watercolor wash, with irregular, vein-like patterns and soft gradients. The overall effect is dreamlike and ethereal.

carne crescida no poço dos
olhos: autoficção e poéticas
do corpo em performance

Dia
vilina

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Artes e Comunicação

Cinema e Audiovisual

Dia Vieira de Santana Lira

carne crescida no poço dos olhos:
autoficção e poéticas do corpo em performance

Recife
2025

carne crescida no poço dos olhos:
autoficção e poéticas do corpo em performance

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito para obtenção da conclusão
do Bacharelado em Cinema e Audiovisual.

Data da aprovação : 04/04/2025

Banca Examinadora:

Profª Drª Fernanda Capibaribe (orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª. Francini Barros (co-orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº Drº Thiago Soares
Universidade Federal de Pernambuco

Gardênia Coletto
Universidade Federal da Bahia

Recife
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pela autoria,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lira, Dia Vieira de Santana.

carne crescida no poço dos olhos: autoficção e poéticas do corpo em
performance / Dia Vieira de Santana Lira. - Recife, 2025.

74 p. : il. Orientador(a): Fernanda Capibaribe Leite
Cooorientador(a): Francini Barros Pontes Trabalho de Conclusão
de Curso (Graduação) - Universidade Federal de

Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual -
Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. performance. 2. processos de criação. 3. audiovisual. 4. escrita

performativa. 5. artes integradas. 6. estudos do corpo. I. Leite, Fernanda
Capibaribe. (Orientação). II. Pontes, Francini Barros. (Cooorientação). IV. Título.

700 CDD (22.ed.)



Resumo este trabalho se faz enquanto ensaio cartográfico do memorial de estudos, processos de criação e pesquisa em performance, imagem e som em auto ficção, sobre os estados do corpo, na confabulação da memória e da relação. em articulação integrada à estudos em dança contemporânea, estudo de objetos e arte, yoga e meditação, investigo o gesto no corpo enquanto enlace da memória em sua escrita no espaço, compondo relações de comparação entre os nós do tempo. debruço-me sobre o corpo de trabalho realizado de dois mil e dezoito à dois mil e vinte e cinco, no recorte da pesquisa de acessos e exercícios fomentados ou desenvolvidos durante a graduação em cinema e audiovisual, na ufpe, em composição com arquivos pessoais de estudos paralelos. aqui embebida nos pensamentos de leda maria martins, jota mombaça, castiel vitorino, delleuze, guattari e outras fontes que me atravessam nos estudos, e pela orientação de fernanda capibaribe e francini barros. articulo-me ao texto poético para ludicamente decompor a constelação assimilatória de atos sígnicos da pesquisa e criação em performance.

Palavras-chave: performance; processos de criação; autoficção; estudos do corpo; escrita performativa; artes integradas.

Agradecimentos

vento água sol lua chão
amigos amores amantes amades
july paulo leo nadí ipê corina áquila lili e aos que si sabem
à diversão na boca da palavra e do silêncio da pele
vó marlene mãe vanilda vênus lua sol
os universos familiares e jardins que regamos

aos seres que estão e que se foram
presença, ausência, contato, conflito
encanto

ao caminho que me trouxe até aqui e se derrama
à vida que na morte me alastra

ao de comer, tocar e sentir
à memória e a decomposição da forma;
coração pulsante que dilata os poros do tempo
e atina o beleza de estar e esquecer de lembrar

à carne e sua matéria escorregadia e contraditória
ao vir a ser, aqui, vazio e além

ao cac, ufpe; na extensão, espaço e pesquisa;
às brechas e zonas de encontro e deformação do corpo e ensino,,
ao grupo de pesquisa vida nua: performatividade e dramaturgia,
por francini barros, inaê, iara, gabi, gui, yuri e demais integrantes,
os sonhos tão vívidos que cocriamos riscando os espaços...

à fernanda capibaribe, pelas trocas, na confabulação de outros
imaginários para pensar e provocar a imagem e o corpo em
audiovisual,, aqui na representação do que se fez o corpo
docente da graduação em cinema, jornada em que pude beber
dessa arte e traçar trilhas, pra dentro e para fora

aos projetos de extensão em yoga e meditação, por andiara, ana,
e breno; no fomento à espaços de atenção, relação e distensão
das estruturas cinzentas

ao mysore yoga recife, por marcos, rochelle, camilla e todos os
demais, às partilhas na base ciente do corpo presente em diluição



Sumário	Introdução	18
	1. ao tempo	22
	1.1 peça sonora "roe"	23
	1.2 uma dança sutil do tempo no corpo	26
	1.2 videodança "oto"	28
	2. à memória	30
	2.1 rito em ato	32
	2.2 videoperformance "rito ao ato"	34
	2.3 relato	35
	2.4 fabulação poética	37
	2.5 fotoperformance "caikai"	38
	2.6 peça sonora "âmago"	39
	3. ao espaço	44
	3.1 enraizar	46
	3.2 florescer	48
	3.3 fotolivro "oço"	50
	4. ao corpo	54
4.1 ferida	56	
4.2 ficção	61	
4.3 carne	63	
4.4 série "omodô"	65	
4.5 videoperformance "passarinha"	68	
5. referências	71	

Lista de Figuras	figura 01 - parto	11
	figura 02 - pose aos sete meses	11
	figura 03 - brincando de pés	12
	figura 04 - choro aos três meses	12
	figura 05 - família em culto	13
	figura 06 - fuga nº 4	13
	figura 07 - família em festa de um ano	14
	figura 08 - foto de infância, "omodô"	17
	figura 09 - frame de "oto"	21
	figura 10 - frame de "oto"	24
	figura 11 - <i>corpo broto</i> , still de "oto"	25
	figura 12 - <i>corpo broto</i> , still de "oto"	26
	figura 13 - frame de "oto"	27
	figura 14 - frames de "rito ao alvo".....	31, 32 e 34
	figura 15 - <i>corpo queda</i> , still da série "caicai"	38
	figura 16 - <i>queda</i> , da série "caicai"	40
	figura 17 - <i>cai</i> , da série "caicai"	41
	figura 18 - <i>umo</i> , da série "oço".....	42
	figura 19 - <i>caroço</i> , de "oço"	45
	figura 20 - <i>brota</i> , da série "oço"	48 e 49
	figura 21 - <i>caroça</i> , da série "oço"	50
	figura 22 - <i>desaninho</i> , da série "omodô" em "rito a ida"	51
	figura 23 - desenho de sonho; <i>corpo d'água</i>	53
	figura 24 - frames da série "omodô"	55
	figura 25 - frames de "passarinha"	58, 59 e 60
	figura 26 - <i>coração</i> , frames da série "omodô"	64
	figura 27 - <i>face</i> , da série "omodô"	66

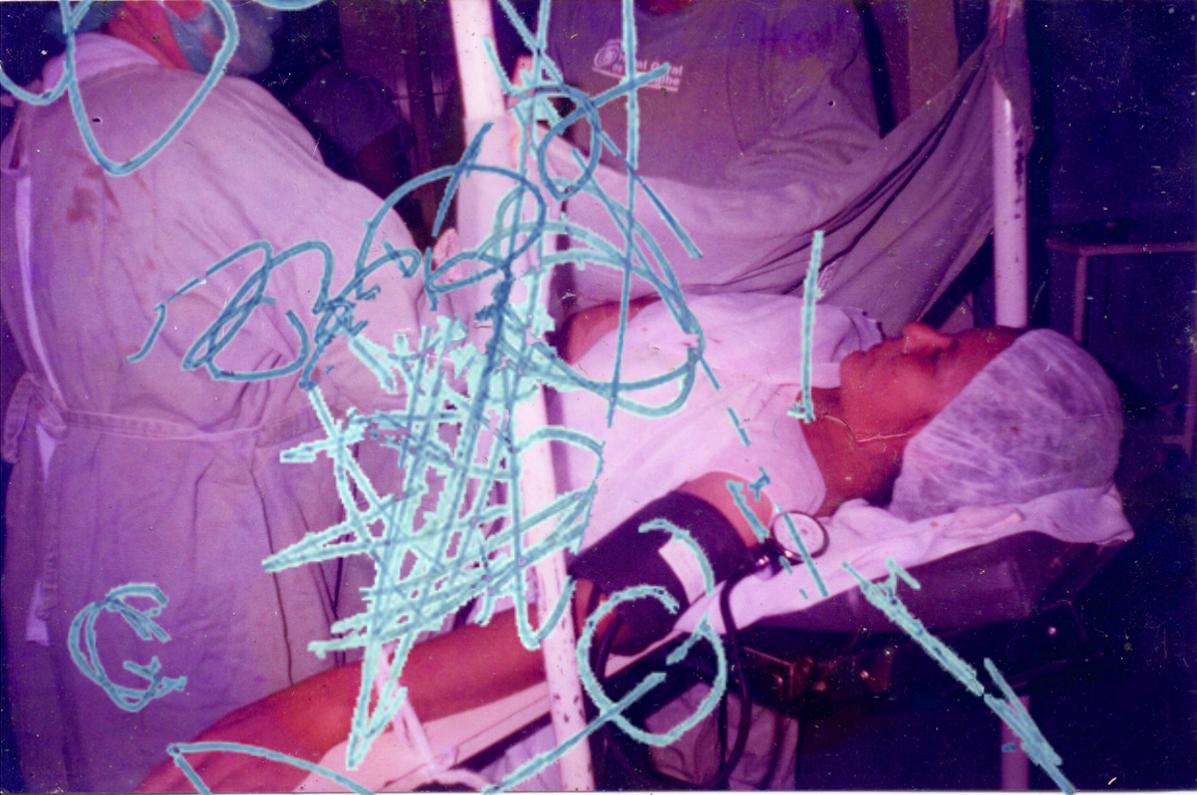


figura 01 e 02: parto e pose aos sete meses
arquivo pessoal

figura 03 e 04: brincando de pés e choro aos três meses
arquivo pessoal



figura 05 e 06: família em culto e fuga nº 4
arquivo pessoal





figura 07: foto de família em festa de um ano
arquivo pessoal



figura 08: infância nágua, "omodô"
fonte: arquivo pessoal

inscrevo aqui a presença de meu corpo em performance, no período que vai de dois mil e dezoito a dois mil e vinte e cinco, enquanto dispositivo em exercício de investigação poética, na construção de uma pesquisa sobre corpo, memória e imagem.

a partir do desenho, do som e da foto e video performances, em trânsitos assimilatórios e de transmutação, investigo com as linguagens artísticas zonas de autoficção,⁹ espaços geridos pela produção de estados corporais,¹⁰ posturas, ações e gestos, e espaços cênicos; cenários e objetos de cena.

a pesquisa se faz em um lugar de observação íntima dos desejos de meu corpo bicha não binária em processo de individuação, corporificação e desvelamento, no que aqui bebe dos atravessamentos supostos à experiência bicha brasileira nascida em um lar cristão protestante. uma bicha branca, classe média, de uma ladeira em camaragibe, cidade situada na zona oeste da região metropolitana de recife, em pernambuco.

aos nomes aqui me referencio: no momento dessa escrita postulo os vinte e seis anos, em experiência de corporeidade em trânsito de gênero nas vias da não binaridade, em que experimento a feminilidade atravessando a masculinidade na confabulação de um corpo em transformação.

o corpo, enquanto carcaça repositório de conhecimento e memória, desvela-se no ser pela constelação de suas relações visíveis e invisíveis, em seus anteparos sociopolíticos e cosmológicos.

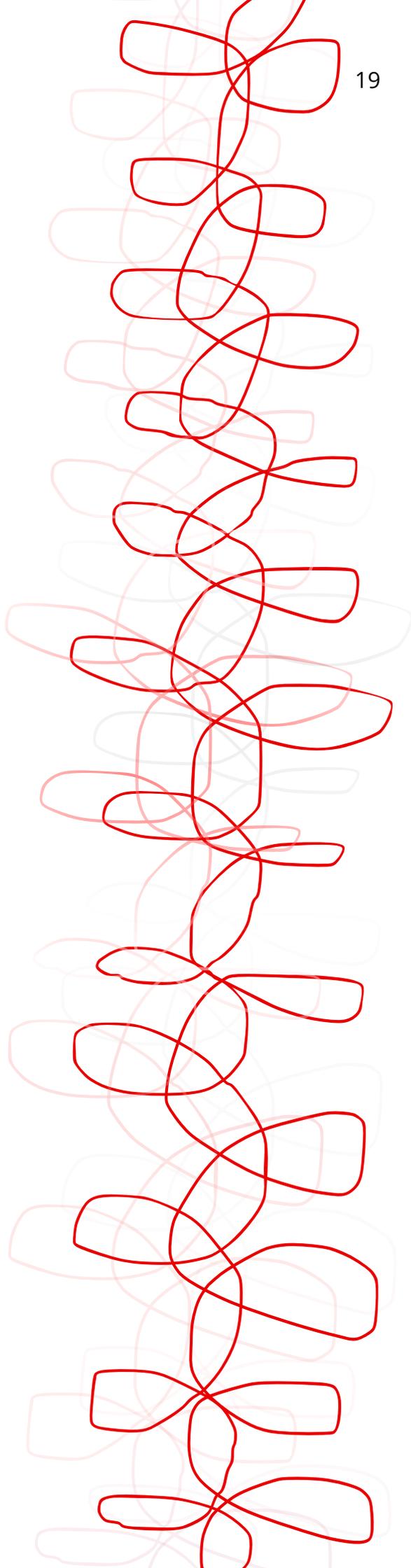
meio no e do todo, *ser em corpo*

é desse contato dilatante que me toma interesse:... como pode um corpo? o quê pode? ... como flutuar a vivência e provocar a experiência de uma corporeidade desviante?

encaminho à imagem e ao som, na confabulação de suas formas encorporadas, a gênese de estados performáticos que congregam brotos de momento vital; acontecimentos no tempo que encadeiam processos de transmutação sensível da matéria física e psíquica.

como oásises, sonhos, visões de lembranças e desejos, fingimentos e in/determinações

para tanto, em análise memorial dos trabalhos realizados por um método cartográfico de composição, associo-me aos pensamentos de leda maria martins; em observância do tempo espiralar e da memória em trânsito no corpo, na ressonância das matrizes cosmológicas africanas e afrodiaspóricas de pensamento em performances do gesto_corpo - espírito_divino, como forma de dilatação do tônus colonial que confabula a experiência do meu corpo na intersecção da vivência que encorpo. da jota mombaça, em vias de pensar o fim, e o desvio da categoria de corpo. e castiel vitorino, na fabulação de estados de transmutação da matéria enquanto espaços de cura e metamorfose da experiência encarnada.



bebo, ainda, de referenciais que se articulam a estudos em corpo, experiência e performatividade, a partir da psicologia somática, de estudos botânicos e da filosofia indiana. é na articulação e integração às ciências que tomam o corpo enquanto episteme que confabulo a transformação: a manifestação da matéria que se faz em relação consigo, no todo, sendo o todo.

assim debruço-me sobre práticas em dança contemporânea, estudos fomentados sobretudo pelo grupo de pesquisa em dança “vida nua: performatividade e dramaturgia”, gerido pela profª drª francine barros, do curso de dança na UFPE, no qual derretemos a forma em pesquisa desde meados de dois mil e vinte e três, em andamento, e na meditação prática dos postulados nos yoga sutras de patânjali.

busco por esses acessos a elaboração de uma pesquisa de estudos transdisciplinares que propiciem ao corpo uma experiência de integração e relação expandida.

tomo o corpo como mote e meio artístico:
a carne é o vazio que me contempla e sobre o
qual me debruço; assim é e assim será.



figura 09: frame de "oto", 2024
fotografia: july b.

ao tempo

Um coro de vozes dissonantes ressoa em meus ouvidos
não consigo distinguir a hora
toteu num lugar isolado de ambiente externo
quatro paredes me rodeiam sobre um teto alto
de chão e completamente concretadas

não há sequer uma janela que possa me dar
um pouco de espaço

Sinto meu corpo circular sanguíneo em fluxos
de contração e expansão - De que estou viva
porque sinto meus pulmões rasgando o peito
embora não seja dessa ordem
me preocupava estar ciente dos meus batimentos
cardíacos como se o coração fosse a
bússola de uma verdade em que eu
pudesse ancorar

Eu preciso descansar e eu buscava o sono
como se em suas asas pudesse encontrar
a paz e esquecer onde estou

embora de qualquer forma
já não lembrasse

me dava por não no instante em que
aos poucos pude esquecer de lembrar

pensava que se a morte existisse seria
como um beijo no cabelo uma revoadas
pousinha na planície de um oceano
de luz clara em que o céu nos cobre
em astros e estrelas

Sentia meu coração rentar sobre meu corpo
como se o espaço inteiro fosse ocupado por
seus pulsos tudo pulsava e já não
existia dentro ou fora

uma força vibrátil fazia tudo tremeluzir
deformando fumigante em brisa uma
fumaça ruflada que dançando me
vento condensava-se em gotas frias

como pássaros

decontante

descansei

acesse aqui



a peça sonora
"roe"

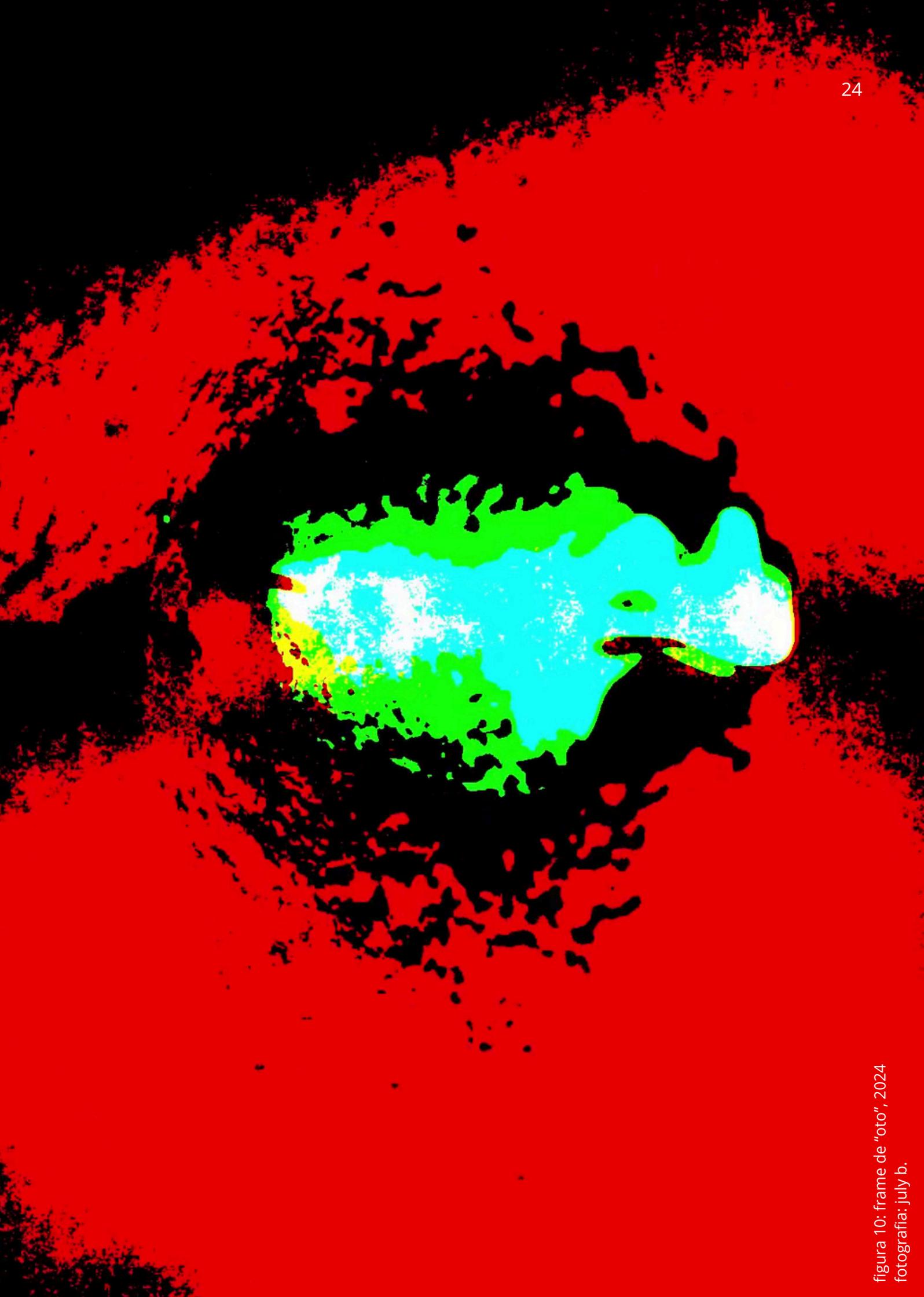


figura 10: frame de "oto", 2024
fotografia: july b.



figura 11: corpo broto, still de "oto", 2024
fotografia: july b.



figura 12: corpo broto; still de "oto", 2024
fotografia: july b.

há no reino vegetal uma inteligência mantenedora que atravessa o tempo, perene, destemida, escorrendo na seiva e no cerne das grandes árvores que em rizoma estabelecem-se matrizes, buscando o sol no céu e o centro da terra em seu núcleo, pelo calor e seu suor, na combustão e decomposição de energia de criação de seres de um tempo além.

em "oto" investigo a partir de exercícios de respiração e posturas corporais os estados de transmutação que me endereçam à energia de um corpo-planta.

aqui incorporo estudos em pranayama e asanas, do ashtanga yoga, associados à dança contemporânea.

em memória de ser planta busco ativar a partir do corpo estados alterados da mente evocados pelas práticas descritas, como forma de investigação poética da carne.

uma dança sutil do tempo no corpo
da carne no tempo.



figura 13: frame da de "oto", 2024
fotografia: july b.

em vias de expressão do corpo, na imanência da matéria em sua experiência no mundo, busco na inscrição simbólica de uma corporeidade vegetal propor à carne, no campo sensível de sua tessitura, a memória de um tempo expandido, de conexão elementar, ancestral e divina, da potência de ser corpo em memória de romper o tempo. desejo em flor.

acesse aqui



“oto”, broto, é uma videodança realizada com o incentivo do PLAYREC 2024 (festival internacional de videodança do recife) em parceria com o curso de cinema e audiovisual, UFPE, com curadoria de oscar malta. o festival online acontece em www.playrec.com.br

à memória

céu clareia ao sol de um nublado branco acinzentando estalando em chuva leve
 local de verde imantado à beira de um mangue emariscado baldio tomado por
 vida ruínas do que fora uma casa de estadias seu esqueleto colunas pisos e
 um teto de primeiro andar em quebra como roídos cobertos em folhas secas
 restos de vidro madeira e telhas com plantas arvores miúdas e flores

poço

redondo com tampa em concreto decorado com um mosaico de cerâmicas
 em flores vermelhas e brancas navegando em circunferências verdes e azuis
 tomado por folhas e galhos úmidos ressecos de onde uma árvore coberta em véu
 por uma espécie de trepadeira fina minhoca verde e dourada
 derrama suas raízes atravessando um buraco em assento
 raízes úmidas em suor de saliva gotejam sobre a água eco do oco
 gota por gota em teia as raízes chovem tenras no túnel profundo

vento sopra forte sorrindo as folhas das árvores

cai água dos céus

borboleta preta em vermelho e amarelo bailarina entre plantas mais baixas deslizando



“O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória,
 não seu traço mnemônico de cópia especular
 do real objetivo,
 mas sua pujaça de tempo em movimento.”

Leda Maria Martins

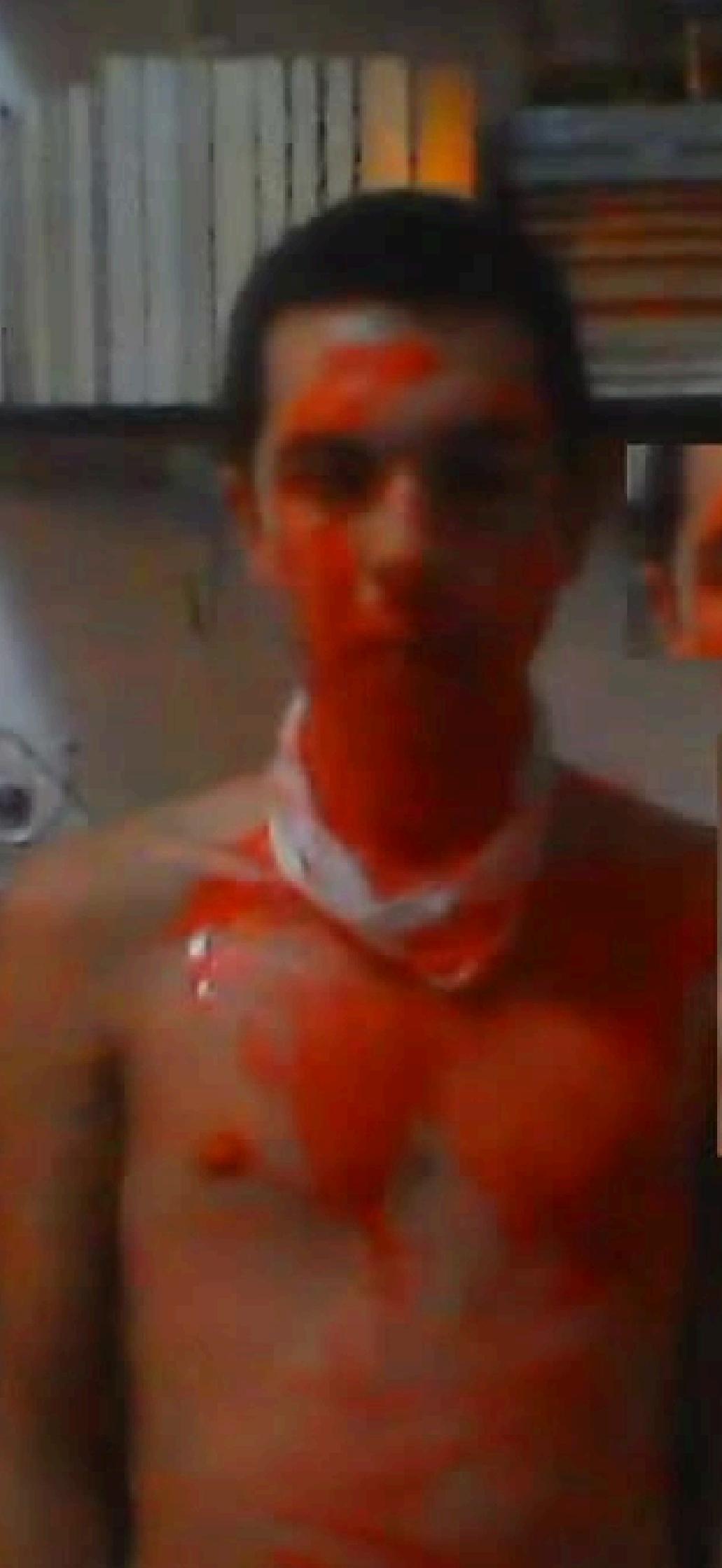
em **Performances do Tempo Espiral**, 2021

uma pedra que uma vez se deita sobre as águas de um rio, ou chuva
 sequer, não mais se esquece desse encontro. faz-se pedra nos
 encontros, camada por camada de toque condensado em núcleo de
 ser. pedra feito broto, aglomerado de energia em profusão de
 espalhar-se na força do si que condensa. feita corpo, a matéria da
 imagem navega no campo dos sentidos em metamorfose, numa
 dança para com o meio e consigo - em relação.

o **contato**, gerido no gesto; *rito* em *ato*, incorpora sobre a matéria a
 inscrição da memória, compelindo à uma experiência sensível

o ato, enquanto acontecimento, dá-se no limiar
 da memória, em espirais de retorno, relação,
 contraste e composição,
 gestando-a no espelho
 do tempo

como um desenho que se faz de corpo
 sobre o campo elementar do espaço,
 nutrindo-se na fonte da memória
 os acessos ao espírito
 do divino ser



em rito ao alvo passo a performar signos em atos simbólicos de evidência e desmonte do imaginário que me condena a carne e o espírito em desejo.

acesse aqui



“rito ao alvo” é uma videperformance realizada no ano de dois mil e vinte e oito, enquanto experimento autônomo de investigação poética.

Relato:

Aos treze anos costumava sofrer de uma angústia de morte em estado plácido: bebia da solidão a necessidade de aprender a estar só, na certeza de que seria um estado presente na minha vida adulta. Nessa época usava o nome de usuário ://memoriador em uma rede social literária. De ser memorial de dores. Nessa época havia o hábito de raspar o cabelo, cortá-lo curto na máquina pente dois como forma de controlar os impulsos de arrancar os cabelos; era preferível fazê-lo assim a ir ao psiquiatra e ser medicada remédios controlados (eu tinha medo dessas medicações por experiências familiares de uso descontrolado). Foram cerca de oito anos de cabelos obrigatoriamente curtos. Tricotilomania, experiência em meu corpo de um processo compulsivo de automutilação, dos cabelos da cabeça. Que vertiam em arrancares também das unhas dos pés e mãos à sangue em crises intensas. Lembranças de fracassos perante promessas que nunca fiz.

Formas familiares de habitar o desamparo.

À época em que esses processos compulsivos tomam corpo eu estava no romper da bolha familiar que me acomodava as percepções; passei a estudar em uma escola de rede discente mais diversa, fora da região em que morava: acostumada à estar em camaragibe e são lourenço, passei a habitar a cidade universitária. Período em que dúvidas e questionamentos sobre meus desejos passaram a me espantar com maior latência: sentia a liberdade e ela me afligia. Certezas até então postuladas e reafirmadas por minha boca de treze anos, amparadas no escopo uma doutrina heteronormativa que supunha minha pulsão de vida passível de morte. gritava em meus ouvidos enquanto de joelhos em prece pedia a deus em choro à morte.

É nesse romper que meu corpo irrompe em gestos de autoviolência, arrancando-se, anulando em si a sensibilidade e a percepção dos quereres, confusos pelos atos de violência executados sobre a própria carne. Um corpo marcado pelo trauma de um mundo que concebe a santidade pelo sacrifício, de uma deidade cooptada com máscaras de algoz.

Durante esses anos minha busca por liberação e libertação do sofrimento me devolveu ao corpo no encorpo de suas ciências; a respiração, as práticas corporais e de expressão; no teatro performático, na dança contemporânea, na ashtanga yoga, e no desenho, pintura e escrita livres. Movimentos de alinhamento e atenção que proporcionam uma conexão interior e exterior, de autopercepção e transformação da consciência.

Autoconhecimento e liberdade. A partir das quais uma religação se faz, de conexão com o campo da ancestralidade e espiritualidade, dinâmicas de corporificação tão descarnadas na ordem do trauma brasileiro na destituição dessas em corporeidades que vivem experiências de rompimento e fuga à norma de gênero e sexualidade. O cristianismo no Brasil nos é dado ao nascimento sem ofertas, civilizatório e mercantil, seguindo a marcha de um imperialismo de açúcar e café.

Embebido no berço em que nasci, e sem poucas minúcias, tomou de mim a fé que me encabeçou. Fé na presença de ser um corpo vivo, possível e passível de ser, amar e ser amado - sentir.

Enfim, num verso enxuto; sigo em processo de cura dessas angústias, que hoje embora estejam a espreita, encontro na conservação e cuidado atento vias de libertá-las. Bebendo da fonte de uma espiritualidade viva, ancorada na natureza e no coração manso.

Tenho meus cabelos longos e as unhas inteiras, pintadas.

trago esse relato de experiência enquanto memória de meu trauma, como traço e acesso à dimensão somática das possibilidades de transmutação sensível a partir da quebra da/pela imagem.

a imagem, corpo da memória, vaso de manifestação material, criadora de realidades e ficções, sonhos e pesadelos. corpo-imagem sobre o qual me retraí em dor, na angústia de uma imagem dita inadequada, inoperante, depravada.

do verbo se fez a carne - um deus à sua imagem se formou:
a imagem em seu divino destruidor.

a partir da fabulação poética, como mecanismo de incorporação e obliteração, investigo pelo gesto, na imagem em performance, o reconhecimento de minha corporeidade em transformação, brincando ludicamente com os signos associados ao imaginário cristão da modernidade ocidental, do desejo, sacrifício e libertação, na confabulação de experiências psíquicas de deformação do imaginário doutrinado, e tão violentamente infringido sobre minha carne.

a imagem, dispositivo da linguagem, corporificada, se faz ato. ato, enquanto rito, do haver, sido imagem, em uma justaposição implosiva em que tempo e espaço se refletem no surgimento da memória, significando e ressignificando-a.

imagens que sobrepõem-se a
 imagens, que cooptam
 imagens, que deturpam
 imagens, que sublimam
 imagens, e confabulam em
 arquétipos e corporeidades
 líquidas os signos de sua
 iconografia em
 estilhaçamento,
 transformando e
 transtornando-as.

a memória de um corpo, tecida,
 é a historiografia dos afetos e
 enlances que perfilam sua
 experiência material e imaterial.
 ao que tanto, toda historiografia
 é também uma corpografia:
 o repertório inscrito.

uma deusa à sua imagem: a imagem em seu divino reparador



acesse aqui



figura 15: corpo queda, still da série “caicai”, 2021
fotografia: dia vieira

“caicai” consiste em uma série de três fotografias, registros em fotoperformance, elaboradas em exercício na oficina “corpa-registro” ministrada por elke falconiere e foster, em contexto pandêmico no ano de dois mil e vinte e um. a série consiste na investigação da queda, e o movimento de retorno; a partir do corte frame a frame seleciono as imagens que confabulam o estado.

acesse aqui



a peça sonora
âmago

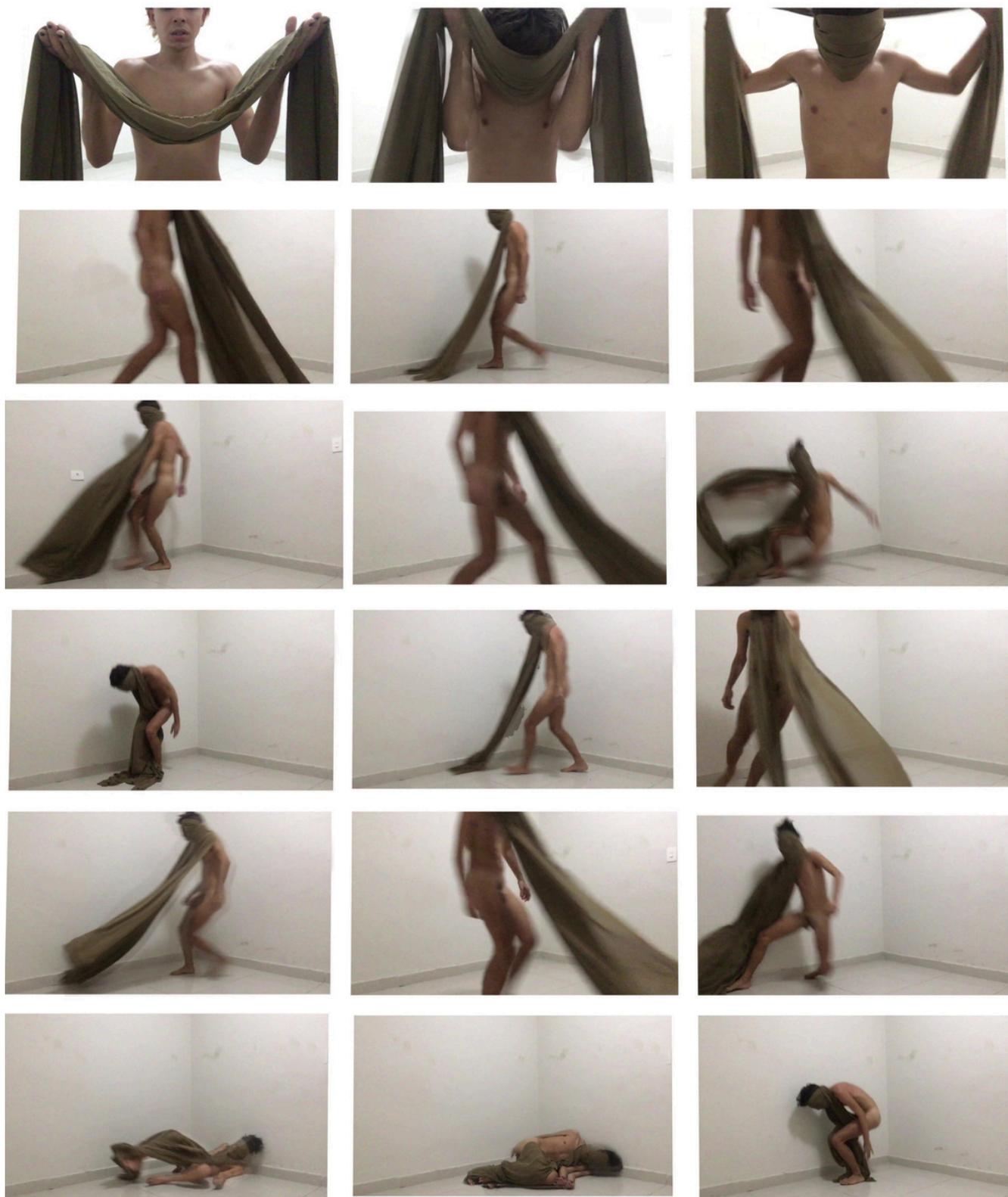


figura 16: queda, da série "caicai", 2021
fotografia: dia vieira



figura 17: cai, da série "caical", 2021
fotografia: dia vieira



figura 18: umo, fotografia de "oço", 2023
fotografia: dia vieira

ao espaço

Conto: Encontrei 1 pé grande de hortelã graúda aos frangalhos à beira da estrada, posto ao lado de um montinho de feijão fradinho; daqueles mesmos de dar de comer aos peixes e caranguejos. Pra mim era presente, que eu tenho mesmo querido plantar mais ervas aqui no terreno... Tem um pé de capim-limão. E só. Quer dizer... o capim-limão e algumas outras diversas ervas e matos que desconheço a ciência. Trouxe o pé de hortelã, já noite, deixando-o virar a noite deitado sobre a lua que cresce no quintal. Depois do almoço no dia seguinte dividi-o em vários galhos de tamanhos diversos, sobretudo pequenos, de dois nós, separando também as raízes rígidas emadeiradas, e alguns galhos secos e decompostos; desses últimos fiz um repicado, misturando à casca de abacate e beterraba restantes do almoço. Com uma enxada em mãos busquei pelas áreas em que se encontrasse terra preta, rica em matéria orgânica, biodiversa, profusa de morte e vida: no entre dois pés de manga na lateral da casa, uma zona em que concentraram-se as folhas e frutos caídos de suas primaveras. Um cemitério vivo - um viveiro. Puxei em parte de sua estância um pequeno canteiro de duas cordilheiras de terra mista, do revolvido ali com adição de uma terra com maior teor de areia e barro de outro ponto do terreno. Encostei à sua esquerda alguns troncos grandes da manga podada, rendidos no tempo deflorando fungos laranjas, amarelos e brancos. Lá plantei os cortes da hortelã. Cobri-os com as folhas secas das mangas e algumas folhas de azeitona de uma árvore vizinha, misturando à massa de folhas e brotos de manga germinados suas raízes, folhas e galhos picados. Improvisado um regador com uma garrafa pet, molhei os moderadamente.

Agora esperamos.



figura 19: caroço, da série "oço", 2023
fotografia: dia vieira

as camadas que estratificam a profundidade do solo se adapta ao movimento das plantas

as plantas, em agência de pertencer, brotam sementosas, frutas líquidas e lânguidas, derretendo e rompendo a terra e o ar, em vistas da luz do sol no céu e no chão

suas raízes buscam a água, irrigando em suor e oxigênio a presença de sua vidência

esse movimento diversifica a natureza dos solos, amplia sua dimensão nutritiva e a biosfera circundante





brota carnosa ventania
atravessando o espaço
cometa ardente

figura 20: brota, da série "oço", 2023
fotografia: dia vieira

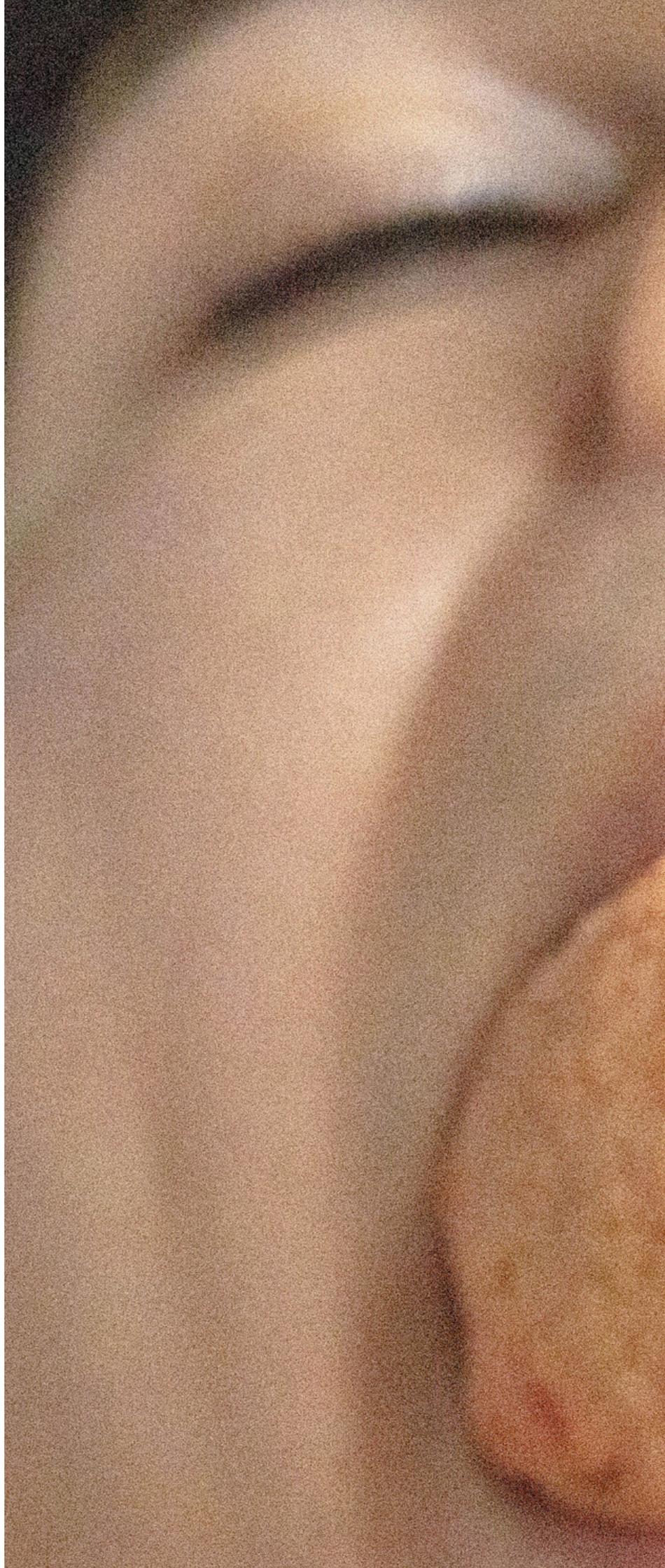






figura 21: caroça, da série "oço", 2023
fotografia: dia vieira

acesse aqui

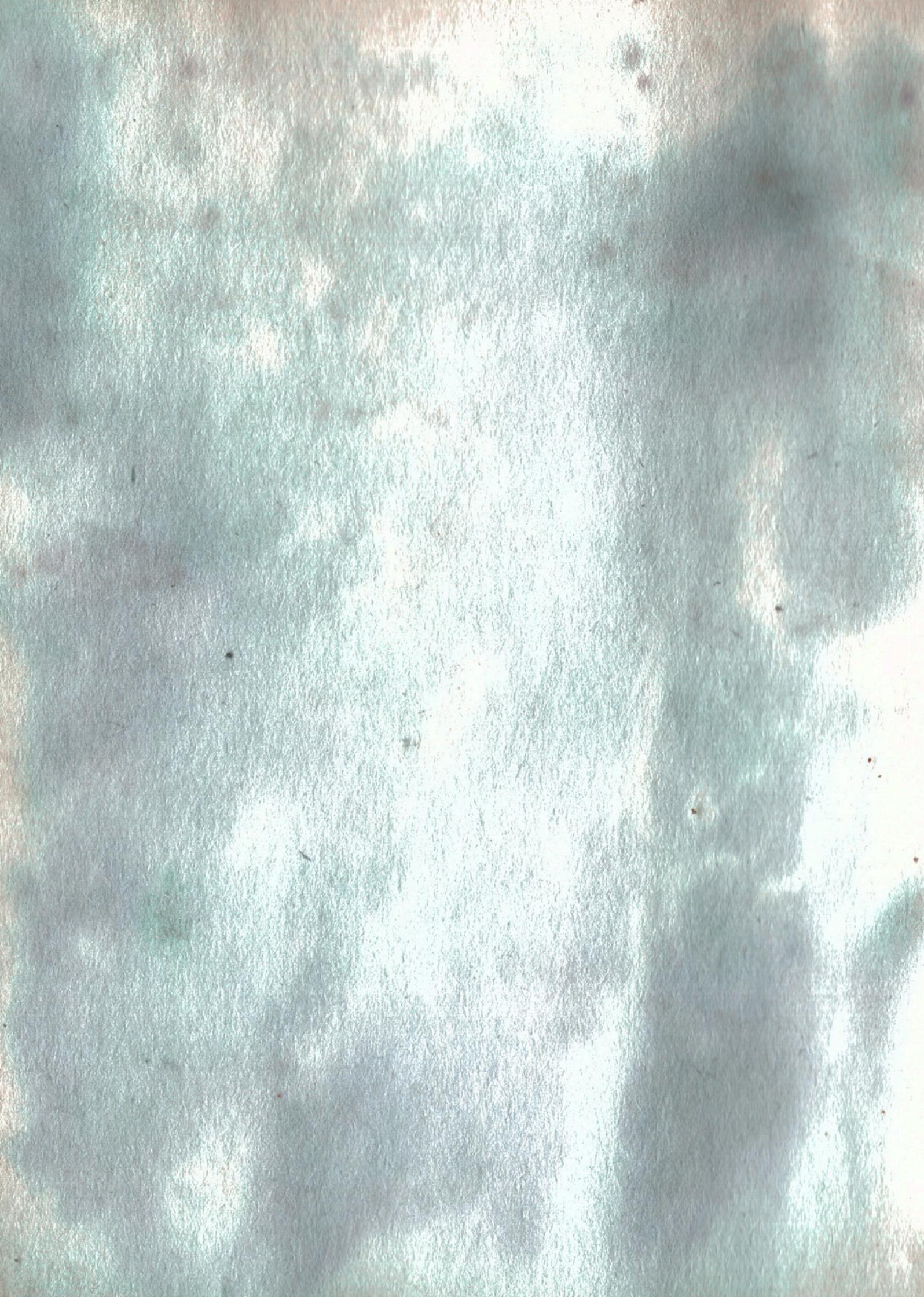


o fotolivro

“**oço**”, broto, é um fotolivro de estudos em fotoperformance em que relaciono minha corporeidade humana à corporeidades vegetais de brotos de abacate. a pesquisa registrada se dá de dois mil e vinte e um a dois mil e vinte e três.



figura 22: desaninho, da série "omodô" em "rito a ida", 2023
fotografia: dia vieira



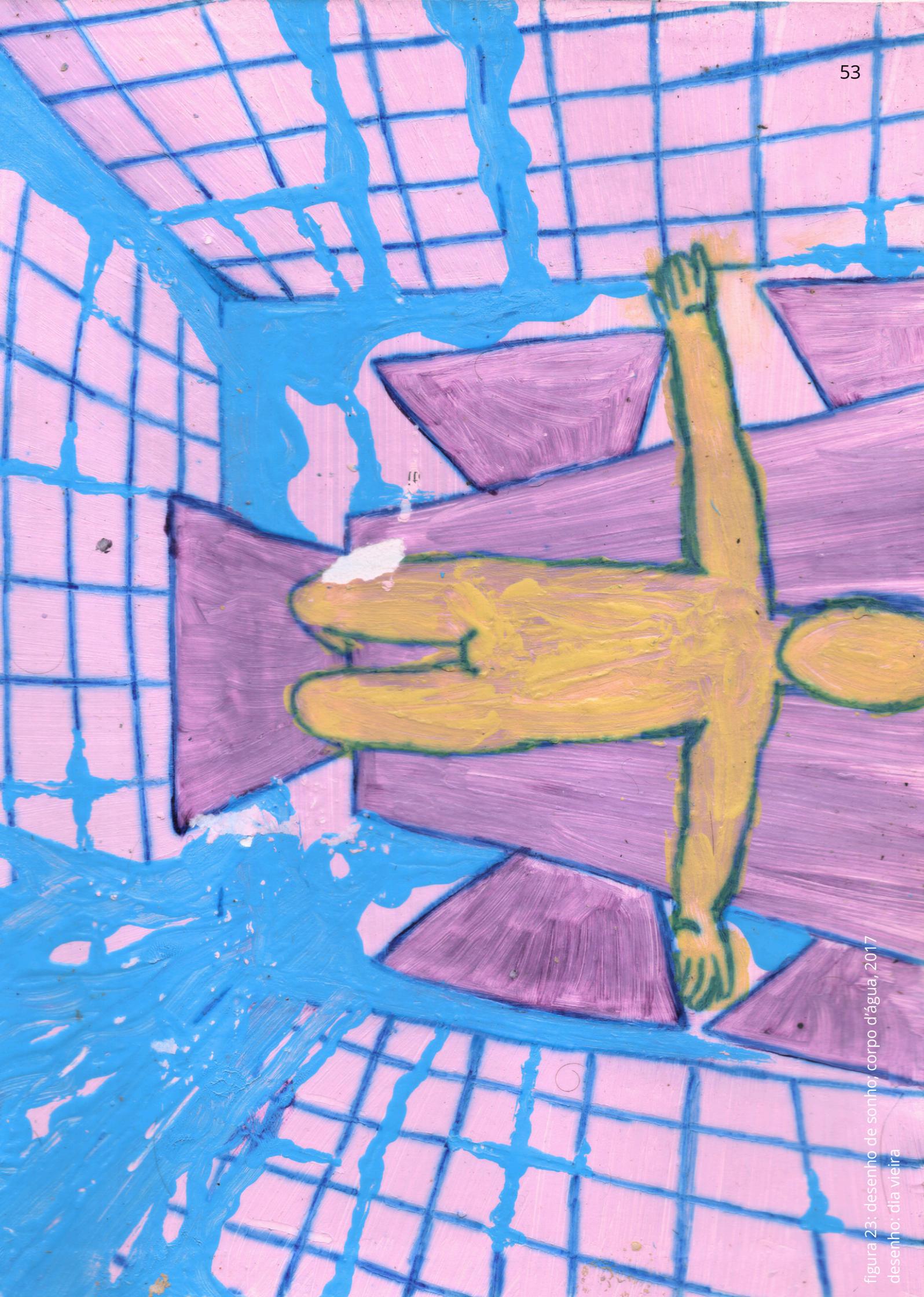


figura 23: desenho de sonho: corpo d'água, 2017
desenho: dia vieira

Na imensidão do tempo, a matéria
maneira sob a ordem do adeus,
Um acaso iminente orquestrado pelas
diferenças e semelhanças; Como duas
municípios pouco condensadas,
pairando

O mar em suas asas correga
sumentes e brotos
murchos de energia vital

Brotos,
Como

pedras, orzes corpos do tempo em
memória de seu terra
espaço

Sobra o espaço o corpo bolbolita
bailarina

em transmutação e condensação
do existir

tudo o que há existe, tudo o que não
existe se derrota em lágrimas colificadas
de um mar atenuado.

Existe, pois chora existo!



figuras 24: frames da série "omodô", 2021
fotografia: dia vieira

o sol que incendeia meu peito reflete a luz de uma miragem como outra qualquer.
 miragem qualquer - que se esvai na erosão gradativa no corpo d'água. ruína viva de
 uma imagem impermanente, perene. terra de muitas águas.

carne em léguas,

o corpo se faz memória dos tempos. em seu coração a memória se manifesta.

atravessa sobre si a historiografia dos afetos que o confabulam, encontro no qual
 presente, passado e futuro aludem à caminhos na manifestação de uma conjunção,
 etérea e encarnada, na presença de um corpo, em relação.

estar requer uma condição de existência em transformação, dado em que ser e
 espaço confabulam sobre si as dinâmicas de relação - presença.

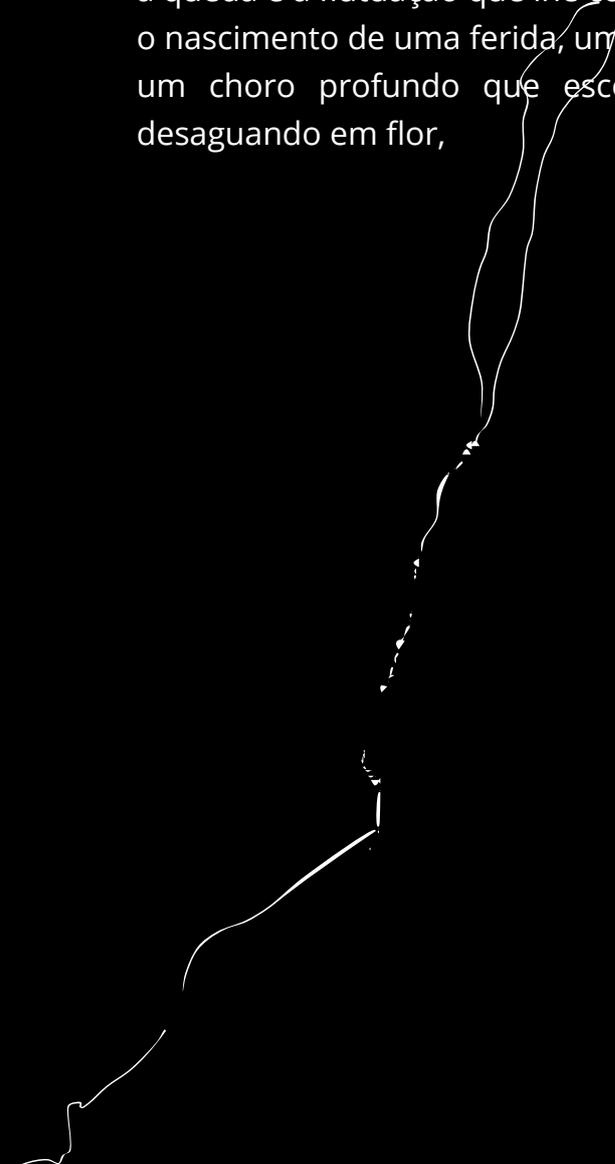
um ser é um corpo no mundo.

corpo do corpo: o corpo é seu trauma.

a queda e a flutuação que lhe concede

o nascimento de uma ferida, uma rachadura no entre.

um choro profundo que escorre como a cicatriz de um riso sobre a terra,
 desaguando em flor,



à experiência das corporeidades desviantes dos gêneros e sexualidades, no seio de uma construção identitária regida por uma instituição civil de direitos que se estrutura na normatividade de padrões eurocêntricos e eugenistas, condena-se à ordem da monstruosidade. uma estranheza que se encrosta já sobre o corpo criança, como uma pulga atrás da orelha. um tipo de reconhecimento que vem de fora, engengrado pelas dinâmicas relacionais estigmatizadas nas instituições família, estado e religião. estruturas basilares para a criação do ser social civil; a cultura e a civilização.

sob a ordem ocidental de um corpo militar e cristianizado encerra-se na forma as expectativas de navegação de um ser, em seus serviços à ordem de produção e consumo da máquina mortífera de proliferação do capital - *aos dezoito anos, relutante e vestindo amarelo, minha cor favorita da infância; que no meio de tantos tons de preto, cinza, azuis e verdes se destacava latente, fui prestar a obrigação do serviço militar. fui liberada após o exame de vista: o grau de minha miopia-hipermetropia impedia. ao ser questionada pelo coronel (ou seja lá qual fora seu posto) pelo interesse no serviço militar, respondi ter outros interesses, ao que ele me disse: quem não serve, não serve. do que respondi dizendo poder servir à outras coisas. dispensada.*

o corpo máquina gerido na era industrial da civilização moderna ativa-se na ficção áustera de um corpo em distinção, a categorização catequisante de um ethos social cooptado e inquisidor. o homem máquina, arma e império, marchando em função do progresso, estrutura-se na artimanha de um corpo esgotado em seus procedimentos: tomado e instituído em princípios de performatividade prescritos no locus circunscrito do civil homem comum, conforme. a égide dos regimes da vida, estado de guerra dos corpos que se comporta na manutenção de seu fim.





“**passarinha**” é uma videoperformance tomada pelo mote da arte sonora que trilha as imagens, realizada enquanto exercício da cadeira “tópicos especiais 2 - trilha sonora no cinema”, na mediação de Filipe Barros, no ano de dois mil e vinte e um.



figuras 25: frames de “passarinha”, 2021
fotografia: dia vieira

essa trama encadeia os processos de assimilação dos corpos.
torna-se corpo em relação,
em uma rota de vias múltiplas nas quais se faz, e é, sendo.

em seu cerne preserva-se a memória,
poço profundo de identificação e reconhecimento
do qual nutre e se nutre, em combustão ruminante.

na escrita de ficções em associação e estilhaçamento, tomo a ficção em processo de autoinvestigação, na costura de uma autoficção poética que em processos gestuais e performáticos inscreve os estados de transmutação da carne e da psique atomados em minha brincância bicha, sob estados simbólicos e encarnados de tomada do corpo de ação no espaço, em performance.

trincando víbratil na encenação fabulada possibilidades de fuga, expurgo, cura e relação.

o corpo de uma cura

a abstração da matéria: um escorregador de seu bucho metálico,
em que deslizo e salto em vôo...

afinal,

simples,

é fácil me atravessar.

*feita carne numa das vistas sou em média dezessete centímetros. de muita água,
uma pele fina me sustenta fora e mantém dentro.*

corpo esse, ante estado, presença viva, atravessa o tempo.

se faz fato, tranco, barranco, e baila em seus declínios;
encanta-se no presente pela manutenção de um vazio que se faz no todo,
evocando na carne a experiência sensível do contato que se dá no entre,
estado presente de transformação . . .

o corpo de uma encantaria que revigora a matéria pela construção de uma
conexão íntegra com o cosmos

em religação, atando e desatando nós na costura de uma rede viva de relações.

e isso tudo se derrete sobre nossos pés

incessantemente



figura 26: coração, frames da série "omodô", 2021
fotografia: dia vieira

acesse aqui



a série completa

nas confabulações entre corpo-infância-espço
investigando a materialidade do corpo
enquanto objeto da memória,
penso o lugar da infância fabulando os estados
dos espíritos da passagem.

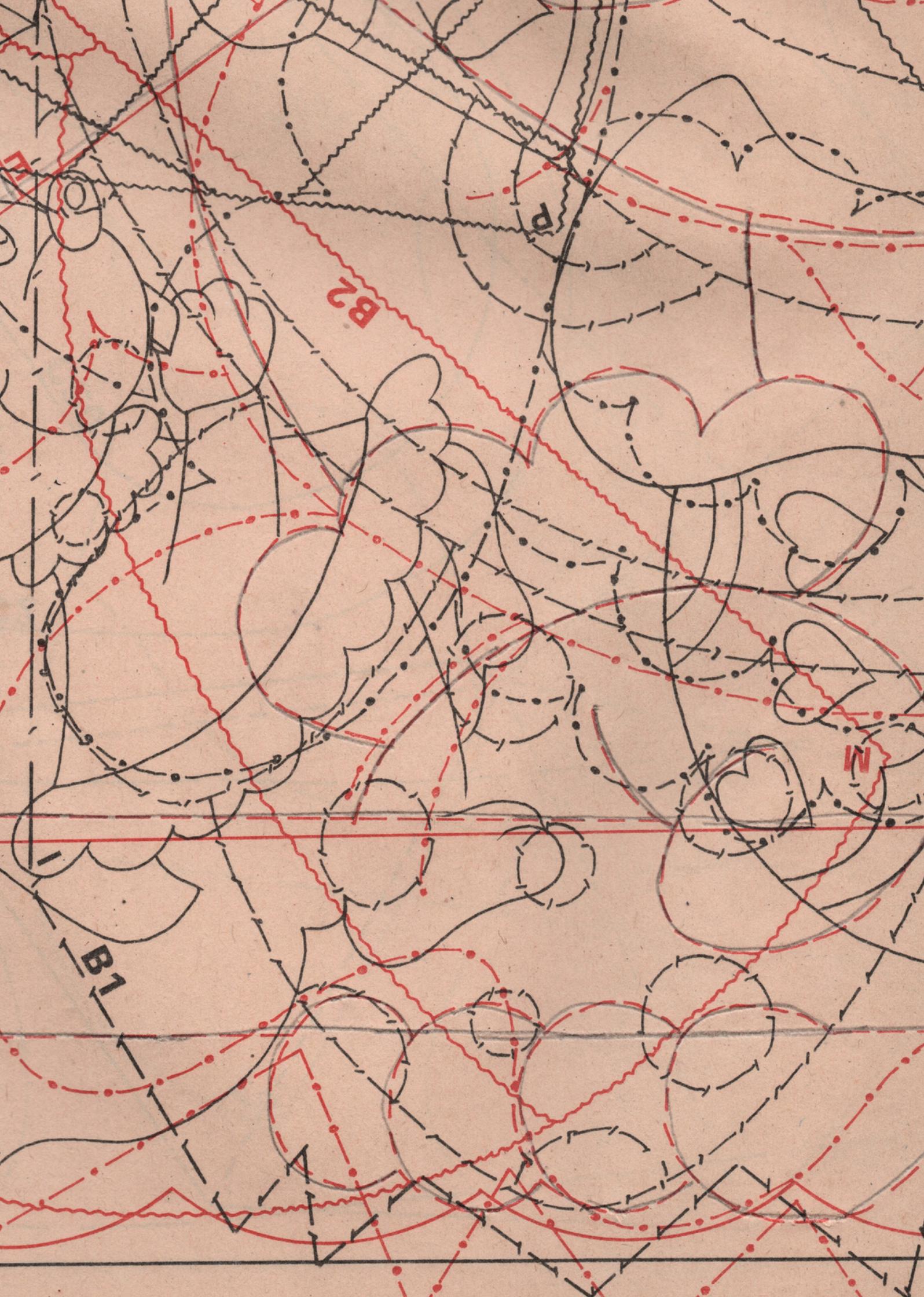
no oco do ventre de olhos fechados
de um breu. no silêncio de um ruído.

giraando

“**omodô**” - cômodo âmago, é uma série composta por vídeos curtos, fotografias e uma peça sonora, desenvolvidas enquanto exercício final na disciplina eletiva Cinema e Infância - UFPE, ministrada em estágio docência por Nina Flor e Bruno Alencar, em dois mil e vinte e um.



figura 20: face, da série "omodó"
fonte: arquivo pessoal, 2022



acesse aqui



à "passarinha"

Referências bibliográficas

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PONTES, FRANCINI BARROS . **Vida nua, performatividade e dramaturgia: cartografias de pesquisa**. ARTE & ENSAIO (UFRJ) , v. 29, p. 450-471, 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Tornar-se imensurável: o mito negro brasileiro e as estéticas macumbeiras na clínica da efemeridade**. 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

HERZER, Sandra Mara. **A queda para o alto**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

MOTTA, Aline. **A água é uma máquina do tempo**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

COLETO, Gardênia. **[DES]INTEGRADA: inflamações artísticas para uma dança feminista**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

PATANJALI. **Os yoga sutras de Patanjali**. -- São Paulo: Mantra, 2015.

Referências iconográficas

ALMANOVA, Catarina. **Tornar-se monstra ou humana**. 2021. Curta-metragem. Recife.

SODOMA, Uýra. **A retomada da floresta**. Documentário. Direção: Juliana Curi, 2023.

IZIDORO, Iara. **O agora não confabula com a espera**. 2024. Performance, ao vivo. Recife: Teatro Hermilo Borba Filho. 27º Festival Internacional de Dança do Recife.

LAUANDAH, Artia. **EJE ARA OKAN**. 2024. Performance, ao vivo. Recife: Espaço O Poste. Itàn do Jovem Preto.

BATISTA, July. **Seja Noite, Seja Dia, Meu corpo gira**. Exposição fotográfica. Recife: Sala Alcir Lacerda, Torre Malakoff. 2024.

ALLAIN, Guilherme. SEVERI, Isabela. **Onde a vida insiste**. Performance itinerante. Várzea, Recife, 2025.

